

Suspeito no assassinio de Evo Fernandes

Chagas trazia no bolso 1500 contos em «rands»

J. Henriques Coimbra e Joaquim Vieira*

Evo Fernandes, o co-fundador da Renamo morto em Portugal na semana passada, intensificara pouco antes as suas actividades políticas, indo mesmo por duas vezes ao quartel-general dos rebeldes este ano. A PJ ainda desconhece quem estaria por trás deste crime de marca política, continuando a admitir várias hipóteses. De concreto, sabe-se que a pista mais importante é ainda a fornecida por Alexandre Chagas, «isca» para um fatal encontro de Evo. Pouco antes, o suspeito recebera uma importante quantia em moeda sul-africana, mas as conclusões a tirar daí podem ser prematuras.

ALEXANDRE Chagas, o principal suspeito de envolvimento no assassinio de Evo Fernandes, surpreendeu o pessoal do Hotel Praia-Sol, na Costa da Caparica, onde esteve hospedado entre 1 de Março e 11 de Abril, ao mandar guardar no cofre uma avultada quantia. Ele trazia consigo mais de 30 mil rands sul-africanos em notas (o equivalente a cerca de 1500 contos em moeda portuguesa), que mais tarde depositou numa conta especial (em moeda estrangeira) em dependência bancária da Costa da Caparica.

As despesas do seu alojamento e de uma filha de 15 anos com quem se fazia acompanhar foram pagas, mais tarde, em moeda portuguesa, com uma primeira entrega de 20 mil escudos (que suportou algum atraso na liquidação).

Outro indício de comportamento estranho por parte de Alexandre Chagas consistiu no aparecimento, no tecto do quarto que ocupava, de um orifício de bala. Tratou-se de um disparo de uma pistola equipada com silenciador que furou o tecto, vindo o projectil a alojar-se nos cobertores de uma cama no andar superior. Chagas explicou que o disparo fora accidental, prontificando-se a pagar os prejuízos, o que cumpriria. Durante a limpeza do seu quarto, foram observados sinais de sangue. Este caso incluiu ainda uma participação à PSP local, que compareceu no hotel para investigar o assunto. Mas, ao que parece, as autoridades não atribuíram grande importância ao assunto, já que Chagas era portador de licença de porte de arma. No entanto, a pistola foi apreendida por não estar legalizada.

Enquanto Chagas se instalava na Costa da Caparica, aquele que — tudo indica — viria a ser o objecto da sua estada, Evo Fernandes, um dos fundadores do movimento rebelde moçambicano e seu ex-secretário-geral, desenvolvia uma intensa ac-

tividade política, depois de ter permanecido «desactivado» nos últimos dois anos. Embora nunca tivesse sido demitido da organização e, segundo a sua viúva, continuasse a merecer a confiança



do presidente, Afonso Dhlakama, ele fora afastado de cargos de responsabilidade na Renamo.

Em Janeiro último, Evo Fernandes dirigira-se ao quartel-general da guerrilha, algures no interior de Moçambique, para se encontrar com Dhlakama, que o teria incumbido de importantes missões no exterior.

Processo de aproximação

Com Evo já de novo em Portugal, Chagas fará uma primeira tentativa de aproximação, em 31 de Março, vindo a almoçar com ele, acompanhado de pelo menos mais um elemento da Renamo. O almoço resultou de diversos contactos que Chagas estabeleceu com elementos desta organização próximos de Evo Fernandes, ao longo do mês de Março, aparentemente para atrair o ex-secretário-geral a supostas conversações com responsáveis da Frelimo.

Chagas passa, por esta altura, a deslocar-se num «DS-21» («boca de sapo»), que adquire num «stand» de carros usados e para o qual faz um seguro por apenas alguns dias. Entretanto, desenvolve contactos com outros membros da Renamo.

Em 2 de Abril, acompanhado do seu «motorista» ou «ajudante», Joaquim Messias, e de Manuel Ferreira

Pinto da Costa (um elemento que, esta semana, foi dado como suspeito no caso, embora a Polícia Judiciária o viesse a desmentir), aguardava a chegada a Lisboa de Artur Janeiro da Fonseca, representante dos rebeldes na RFA. E foi Chagas quem liquidou as despesas de Janeiro da Fonseca durante a sua curta estada em Portugal. Contudo, e de acordo com o que foi afirmado ao EXPRESSO, o dinheiro pertenceria a Manuel Gaudêncio, um negociante com estreitas ligações à Renamo e a quem Chagas terá solicitado a obtenção de instalações para os alegados contactos a realizar, na segunda quinzena de Abril, entre membros da Frelimo e da Renamo.

Novo encontro com Dhlakama

Quase ao mesmo tempo, Evo Fernandes deixa Portugal para uma nova viagem confidencial à África Austral e, segundo a viúva, para um novo encontro com Dhlakama, a quem apresentaria o relatório das missões de que fora incumbido e de quem receberia novas directivas. Evo parecia assim encontrar-se numa fase de rápida recuperação política na estrutura da Renamo, depois de dois anos de «travessia do deserto».

Entretanto, em 8 de Abril, Chagas envia a filha para Maputo, acompanhada de Pinto da Costa. Atestando a súbita riqueza do pai em Portugal (em contraste com o seu anterior modo de vida), a adolescente leva como presentes uma «scooter», um televisor e um vídeo-gravador. A jovem, Maria Fernanda Mambo Xavier Chagas, é portadora de passaporte moçambicano, tudo indicando que o pai pretendia colocá-la em lugar seguro, antevendo os acontecimentos que mais tarde se desencadearão.

Evo Fernandes regressaria de novo à sua residência de Cascais em 14 de Abril. Três

dias depois, domingo da passada semana, Chagas convidá-lo-ia para o fatídico jantar a sós, o que o opositorista moçambicano terá aceite com alguma relutância. No restaurante onde se encontraram, o Beira-Mar, jantava, sozinho numa outra mesa, Joaquim Messias. A conta dos três foi paga por Chagas em dólares, após o que abandonaram o estabelecimento às 23 horas. Evo Fernandes não voltaria a ser visto com vida.

Os investigadores concluíram que o advogado foi morto na noite de quarta para quinta-feira seguintes, tendo o cadáver sido transportado numa mala e abandonado logo de seguida, perto de Malveira da Serra, afinal não muito longe do local onde desaparecera. Admite-se mesmo como muito provável que Evo nunca tenha deixado a região durante todo o período do seu desaparecimento.

Detido no Guincho?

Uma fonte não oficial disse ao EXPRESSO que a PJ soubera que Evo Fernandes estivera numa residência situada na zona do Guincho durante os três dias, mas a informação não foi confirmada em meios afectos à investigação. Contudo, o facto de os seus pulso e tornozelos não apresentarem sinais de ter estado amarrados (não existindo também traços de mordida) leva a concluir que o rebelde moçambicano terá permanecido numa casa em cujo interior manteria uma certa margem de movimentação. A sua derradeira refeição consistiu em esparguete, comida que não apreciava. Pode concluir-se que se tratou de uma refeição caseira, o que reforça a convicção acerca da sua permanência numa residência.

A vítima foi abatida com seis tiros e não cinco, ao contrário do que dizia o comunicado da PJ na semana passada. Com efeito, aos investigadores passou inicialmente despercebido um orifício num ouvido, que se julgava ser o ponto de saída da bala que entrou por



Janeiro de 1988: Evo Fernandes e Afonso Dlakhama em Moçambique

um sobrolho (que, afinal, ficara retida no cérebro).

Evo foi encontrado barbeado, mas de uma forma acentuadamente imperfeita na zona do queixo. Para a viúva, isso nunca aconteceria se fosse o advogado a escañoar-se, pelo que Ivete Fernandes conclui ter alguém cuidado apressadamente desse pormenor, antes de o corpo ter sido despejado à beira da estrada.

A chave para a explicação do assassinio residirá, sem dúvida, na descoberta da entidade (ou entidades) ao serviço das quais se encontrava Alexandre Chagas. Nascido em Portugal, Chagas vivia em Moçambique na altura da independência, tendo aí permanecido mais alguns anos. Segundo fontes moçambicanas, apresentou-se na altura como **«representante de uma tal empresa Gaudêncio»** — que não se sabe se tem a ver com Manuel Gaudêncio, embora este tenha dito ao EXPRESSO, na semana passada, que en-

tregara a Chagas **«uma credencial sem valor»**, com interesse apenas no caso de haver negócios a realizar. Chagas foi ainda referenciado como tendo trabalhado como conferente de carga marítima em Moçambique, tendo-se intitulado, no hotel da Caparica, como «técnico de hidráulica».

Em 1978, Chagas e a família (a mulher, Maria Mambo, era africana) foram repatriados para Portugal por indigência — ocorrência rara naquele país. **«O Alexandre pagou uma parte da viagem e a Embaixada a outra»**, diz Maria Mambo, agora a residir no Monte da Caparica, depois de Chagas se ter dela separado. **«Estávamos em dificuldades e não havia dinheiro»**.

Chagas instalou-se junto à casa dos pais, na Caparica, e passou a viver de pequenos expedientes, tornando-se conhecido na região. Mas voltaria a Moçambique há uns dois anos, desconhecendo-se o que fez de então

para cá. A empresa espanhola Pescanova, com interesses neste país, não confirma informações segundo as quais Chagas seria seu funcionário. A ex-mulher julga que caçava crocodilos, enquanto outras fontes dizem que tinha interesses em minas de tantalite ou micro-lite na Zambézia.

Os aspectos menos claros do caso e as eventuais ligações de Chagas a serviços estrangeiros fizeram surgir referências à presença em Lisboa de Alistair Morrison, director-geral da Defence Systems, Ltd (DSL), uma empresa de segurança britânica com várias ligações a Moçambique. Mas uma secretária de Morrison disse ao EXPRESSO que o director da DSL **«nunca esteve em Lisboa, não saiu de Londres durante o mês de Abril e processará judicialmente quem o relacionar com a morte de Evo Fernandes»**.

Outro estrangeiro cujo nome tem sido mencionado

é Tom Shaff, director do Mozambican Research Center, uma organização com sede em Washington, muito ligada à chamada «facção norte-americana» da Renamo, e alegadamente financiada pela Fundação Heritage, de extrema-direita. Contactado pelo correspondente do EXPRESSO nos Estados Unidos, Tony Jenkins, Shaff disse não ter conhecimento dos bastidores do «caso Evo Fernandes». Este norte-americano disse ainda ter-se avistado, na semana passada e na última terça-feira, com um colaborador seu acerca de quem a Polícia Judiciária manifestou algum interesse. Trata-se de um português de apelido Antas, nascido em Moçambique e radicado nos Estados Unidos desde 1983. Antas esteve recentemente em Lisboa, mas não terá contactado as estruturas locais da Renamo.

* com Paulo Camacho e Rui Ramos